
CORPO, GÊNERO E COMPETIÇÃO: OS DILEMAS DAS ATLETAS- MULHERES NA SOCIEDADE

Jamilly Castro Gonçalves (jamilly.goncalves@estudante.iftm.edu.br), **Luiza Brandão Nunes** (luiza.brandao@estudante.iftm.edu.br)

Orientadoras: **Gyzely Suely Lima** (gyzely@iftm.edu.br) e **Flávia Gomes de Melo Coelho** (flaviagomes@iftm.edu.br)

Instituto Federal do Triângulo Mineiro- Campus Uberlândia Centro

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados preliminares de um projeto de pesquisa que se justifica como relevante para se aprofundar no estudo das questões de diversidade sexual e de gênero abordando as concepções de sexismo, machismo, feminismo e masculinidades no esporte. Nessa perspectiva, este estudo narrativo tem sido desenvolvido no contexto escolar, contribuindo para se entender o processo de formação cidadã e humana de adolescentes sob o prisma da diversidade e promovendo conhecimento sobre o tema de modo a inibir situações de bullying e violência na comunidade, promovendo o objetivo de desenvolvimento sustentável 5 que estabelece a relevância da igualdade de gênero. Como objetivo geral, buscou-se analisar como questões de corpo e gênero trazem implicações para a saúde mental de atletas- mulheres nos ambientes de e competição. Especificamente, apresentamos narrativas construídas pelas estudantes-pesquisadoras como textos de campo, bem como a composição de sentidos. Para tanto, a metodologia da Pesquisa Narrativa (Clandinin, Connelly, 2011) tem sido a fundamentação teórico-metodológica mais adequada para investigar as experiências das estudantes-pesquisadoras, as quais se caracterizam como o objeto deste estudo, em uma perspectiva autobiográfica.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa. Mulheres. Esporte. Feminismos. Construção de Identidade

Introdução e justificativa

Nas últimas décadas, o esporte tem sido palco de importantes debates sobre igualdade de gênero, especialmente no que diz respeito à presença e à valorização das mulheres atletas.

Nesse contexto, esta pesquisa tem o enfoque na sexualização, padrões corporais, saúde mental e cobranças estéticas sobre mulheres no esporte. Apesar dos avanços conquistados, ainda existem barreiras significativas enfrentadas por essas mulheres, que vão desde a hipersexualização de seus corpos até a desvalorização de seu desempenho em comparação com atletas masculinos. O ambiente esportivo, muitas vezes, reproduz padrões sociais que reforçam estereótipos de gênero, afetando não apenas a performance e a autoestima das atletas, mas também suas oportunidades profissionais. Diante desse contexto, torna-se fundamental discutir os impactos sociais e emocionais enfrentados por atletas do sexo feminino e as consequências dessas experiências em sua carreira esportiva. A seguir, apresentamos as histórias iniciais que apresentaram as inquietações que motivaram a proposta deste estudo.

Meu primeiro contato com o esporte

Meu primeiro contato com o esporte ocorreu aos oito anos de idade, quando iniciei a prática da natação. Posteriormente, passei por outras modalidades como zumba, crossfit e, atualmente, dedico-me à musculação, ao jiu-jitsu e ao MMA (esporte de combate que mistura várias artes marciais, como jiu-jítsu, muay thai, boxe, karatê, judô e wrestling). Com o avanço tecnológico e a crescente influência das redes sociais, tomei a decisão de iniciar uma carreira como influenciadora digital na área fitness, inspirada por outros influenciadores que acompanho em plataformas como Instagram e TikTok. Diante da frequência intensa de conteúdos que comecei a publicar no meu perfil do Instagram, tornou-se notável o aumento da minha visibilidade, refletido no crescimento de curtidas, visualizações e, inevitavelmente, a presença de comentários negativos, também conhecidos como “haters”.

Em uma tarde de terça-feira, no mês de agosto de 2024, enquanto cursava o ensino médio, tive uma ideia para gravar um vídeo durante o intervalo escolar, por volta das 15h30. Convidei uma amiga, também estudante, para me ajudar na gravação. Desde o início, minha intenção era produzir um conteúdo humorístico, com o objetivo de fazer as pessoas rirem. O roteiro consistia em eu me aproximar dela e perguntar: “Oi, moça, licença, o banheiro fica para lá?” (mostrando o bíceps direito) ou “para cá?” (mostrando o bíceps esquerdo). Em seguida, minha amiga, ao fundo, responderia “Para lá”, e eu, então, me viraria e sairia de cena. Por fim, ela comentaria: “Eu hein, que menina estranha.”

Logo após a gravação, editei o vídeo de forma rápida e publiquei-o, sem revisão. Corri para a próxima aula, que teria início às 15h50. Ao final das aulas, às 17h30, como estava sem

acesso à internet, não recebi nenhuma notificação nas redes sociais. O ônibus que me levaria para casa só chegaria às 17h47, então aguardei, como de costume, na área externa da escola, acompanhada dos colegas. Quando finalmente cheguei em casa, por volta das 18h40, procurei o carregador do celular, ansiosa para verificar o desempenho do vídeo em termos de curtidas, visualizações e comentários. Distraída, deixei o celular carregando e fui para a sala. Cerca de dez minutos depois, comecei a ouvir diversas notificações sonoras vindas do quarto. Curiosa, questionei-me se seriam mensagens ou algum novo grupo de WhatsApp relacionado a apresentações de trabalhos escolares. Por alguns instantes, sequer me lembrei do vídeo que havia publicado. Assim que liguei o aparelho, deparei-me com um comentário que imediatamente captou minha atenção: “Ah entendi. É aquelas mina que coloca roupa colada até o talo pra fazer vídeo na academia mas que no final nem sabe puxar ferro”. Li e reli aquele comentário inúmeras vezes, com o coração acelerado, enquanto minha mente tentava compreender o que estava acontecendo. Saí da tela inicial para conferir o número de visualizações: surpreendentemente, o vídeo havia atingido a marca de 300.000 visualizações. Em choque, exclamei mentalmente: “Meu Deus! Como assim? Jamais imaginei que alcançaria tantas pessoas.” Voltei aos comentários, que já somavam mais de 100 naquele momento, e comecei a lê-los um a um: “O mal de mulher é achar q tem braço forte, chega da vergonha 😂” “Começou no sonho de ontem”.

Durante a leitura, sentimentos conflitantes me invadiram. Pensava: “O que eu fiz?”, “Que atitude imprudente!”, “Porque postei isso?”. Meu primeiro impulso foi o de raiva, sobretudo por um comentário específico que, antes mesmo de finalizar a leitura, fez com que eu sentisse uma lágrima escorrer pelo rosto, caindo diretamente sobre a tela do celular. “Vc treina?” Refleti profundamente: “Essa pessoa não me conhece”, “Treino há três anos”, “Estou gorda?”, “Preciso apagar esse vídeo.” Tomada pela emoção, joguei o telefone sobre a estante e desabei em lágrimas. Naquela noite, chorei até dormir. Nunca imaginei que palavras digitadas por desconhecidos poderiam afetar tanto a saúde mental de alguém, principalmente a minha.

No dia seguinte, ao despertar, tentei me convencer de que era um novo dia e que tudo voltaria ao normal. Realizei minhas atividades rotineiras, mas os comentários negativos continuavam na minha mente. À tarde, durante a aula no laboratório, por volta das 15h00, enquanto conversava com meus colegas, decidi compartilhar com eles o que estava acontecendo. Falei sobre o vídeo, minha frustração e o impacto emocional que estava sentindo. Para minha surpresa, fui acolhida de forma muito positiva por todos. Recebi diversos conselhos

e, após essa conversa, decidi desarquivar o vídeo. Em conjunto com os colegas, optamos por responder a todos os comentários negativos, mas sempre de maneira educada e respeitosa.

Mesmo com o passar do tempo, os pensamentos provocados por aqueles comentários ainda persistiam. Frequentemente, me vinha à mente: “O problema sou eu?”, “Estou passando vergonha?”, “Eles estão certos?”, “Será que uma mulher não pode ser mais forte que um homem?”. Hoje, com mais maturidade, compreendo que aqueles comentários não definem quem eu sou. Antes dessa experiência, eu acreditava que influenciadores que eram “cancelados” mereciam tal exposição negativa, e que se alguém falasse algo ofensivo a meu respeito, bastaria ignorar. No entanto, após vivenciar esse episódio, especialmente ao ouvir homens falando de maneira desrespeitosa sobre meu corpo, sem sequer conhecerem minha história, senti-me motivada a levar ainda mais a sério minha alimentação, meus treinos e, principalmente, minha evolução pessoal. Não apenas por mim, mas por todas as mulheres que me acompanham e que podem se inspirar em minha trajetória. Atualmente, reconheço que há uma grande responsabilidade em ser um influenciador digital, tanto por parte de quem consome o conteúdo quanto de quem o produz.

Em relação a esse momento marcante em minha vida, posso afirmar que minha saúde mental foi fortemente impactada por um único vídeo. Ao refletir sobre isso, passo a entender e respeitar ainda mais as atletas de alta performance, que, certamente, enfrentam uma quantidade muito maior de comentários preconceituosos e machistas.

(Narrativa inicial, Jamilly, 2025)

Enquanto torcedora e atleta, observei que, apesar dos avanços recentes, as mulheres ainda enfrentam barreiras significativas não apenas como atletas, mas também como técnicas, árbitras, dirigentes e jornalistas esportivas. Essa realidade contrasta com o crescente número de mulheres que praticam esportes no Brasil e no mundo, evidenciando uma discrepância entre participação e reconhecimento.

Desde muito cedo, o esporte sempre fez parte da minha vida. É algo que me completa e me fortalece. Ao longo dos anos, experimentei diversas modalidades, como balé, vôlei, natação e atletismo. No entanto, foi o futsal que despertou minha verdadeira paixão, justamente um dos esportes onde o preconceito contra a participação feminina ainda é bastante acentuado e no qual poucas meninas se aventuram.

Após muita insistência, aos 11 anos, consegui convencer meus pais a me matricularem em uma escolinha de futsal. Desde o início, enfrentei desafios para me enturmar, afinal, eu era a única menina entre os meninos. Durante os treinos, o professor frequentemente precisava adaptar os exercícios para me incluir. Caso contrário, eu mal encostava na bola. Meus colegas eram maiores, mais experientes e habilidosos, o que exigia de mim um esforço dobrado para acompanhar o ritmo. Sou muito grata ao professor, que teve paciência, sensibilidade e me acolheu com respeito e incentivo.

Lembro-me de um dia em particular, quando cheguei atrasada ao treino. Enquanto colocava as chuteiras e me preparava para o aquecimento, avistei outra menina treinando com o grupo. Foi a primeira vez que me senti, de fato, parte do time. Não estava mais sozinha, e isso fez toda a diferença para mim.

Por outro lado, também vivi momentos difíceis. Ao final de um treino, enquanto meus pais me esperavam, minha mãe me contou que ouviu o pai de um colega comentar: “Aquele ali não sabe nada de futebol, mas pelo menos se esforça.” Essa frase ecoa na minha mente até hoje. Fiquei indignada. Como um homem adulto poderia me desmerecer daquela forma? Eu não havia tido as mesmas oportunidades que o filho dele, mas estava ali justamente para aprender e crescer. A injustiça daquele comentário, no entanto, não me desanimou. Pelo contrário, me fortaleceu ainda mais para enfrentar as barreiras que a vida e o esporte ainda me apresentariam.

Hoje, com orgulho, faço parte do time de futsal feminino que representa o Campus Uberlândia Centro nos Jogos dos Institutos Federais. Pela primeira vez, me sinto verdadeiramente acolhida em um grupo de mulheres que compartilham da mesma paixão e enfrentam os mesmos desafios. Essa vivência reforça minha motivação em investigar e dar visibilidade à luta das mulheres por espaço e reconhecimento no esporte. É nesse espaço de acolhimento e pertencimento que fortaleço minha convicção: lutar por equidade de gênero no esporte não é apenas necessário, é urgente.

Minha motivação para investigar esse tema surgiu ao acompanhar a trajetória de atletas como Marta, Formiga e outras mulheres que, mesmo sendo referências em suas modalidades, ainda sofrem com a falta de visibilidade, remuneração desigual e preconceito. Além disso, ao pesquisar sobre a presença feminina em cargos de liderança no esporte, percebi que há poucas

mulheres ocupando posições de comando, como treinadoras, árbitras ou dirigentes de federações.

(Narrativa inicial, Luiza, 2025)

Essa problemática não é exclusiva do Brasil. Dados da FIFA (2023) mostram que apenas 16% dos treinadores de futebol feminino no mundo são mulheres, enquanto a Unesco (2022) aponta que menos de 10% dos cargos de liderança em confederações esportivas são ocupados por mulheres. No Brasil, uma pesquisa do Instituto Datafolha (2023) revelou que 78% das mulheres atletas já sofreram algum tipo de assédio ou discriminação em seus ambientes esportivos.

Nesse contexto, vale destacar a história da atleta Beatriz Rodrigues de Souza, nascida em 20 de maio de 1998, em Itariri, interior de São Paulo, é uma das maiores representantes do judô brasileiro na atualidade. Competindo na categoria +78 kg (a mais pesada do judô feminino), colecionando conquistas nacionais e internacionais. Seu feito mais histórico aconteceu nas Olimpíadas de Paris 2024, quando conquistou o ouro olímpico, tornando-se a primeira brasileira campeã olímpica na categoria pesado feminino. Em conversa com a ESPN, ela revelou como o suporte psicológico mudou sua forma de lidar com a vida: “Desde que eu comecei a fazer o meu tratamento, a ter esse cuidado com a minha parte psicológica, eu me transformei. [...] Não é feio pedir ajuda e, muito pelo contrário, só mostra o quanto você é mais forte.”

Além disso, logo após conquistar o ouro olímpico em Paris — vencendo a israelense Raz Hershko com waza-ari definitivo — Bia concedeu uma entrevista à RFI Brasil. Nesse momento, falou sobre suas origens, representatividade e inspirações. Entre os trechos mais marcantes, ela declarou: “Sou mulher preta, guerreira que conquistou o mundo e quero que outras saibam que é possível.” Além dessa fala, ela reforçou que “Todo sonho é possível, por mais que a gente não tenha tantas mulheres negras da América Latina no pódio. Eu trabalho para manter o judô em alta e para inspirar.” Bia Souza nos mostra que não há conquista sem equilíbrio emocional e que saúde mental é também um ato político. Ao falar com orgulho sobre sua raça, seu gênero e seu cuidado com a mente, ela se transforma não só em campeã olímpica, mas em referência transformadora para o esporte e para a sociedade.

Outra atleta-mulher que vale destacar é Walewska Moreira de Oliveira, que nasceu em 1º de outubro de 1979, em Belo Horizonte (MG) e foi considerada uma das maiores centrais da

história do vôlei brasileiro. Walewska representou o Brasil em várias competições internacionais e conquistou títulos importantes, como o ouro olímpico nas Olimpíadas de Pequim 2008. A ex-atleta faleceu em 21 de setembro de 2023, aos 43 anos, após uma queda do 17º andar de um prédio em São Paulo. Com isso, depoimentos de pós-falecimento da atleta, ex-companheiras de Seleção, como Fabi e Sheilla, reforçaram nas redes sociais a importância de cuidar da saúde mental dos atletas, principalmente no período de transição para a vida pós-carreira. Segundo familiares e amigos próximos, Walewska vinha enfrentando um período de depressão e tristeza profunda após a aposentadoria.

Porém, além das conquistas dentro de quadra, a trajetória de Walewska foi marcada por desafios emocionais e de saúde mental, os quais só vieram a público com maior evidência após sua morte precoce. Em entrevista ao podcast Cortes Pontos de Fala a ex-atleta diz que : “nunca se falou tanto sobre a saúde mental dos atletas” Waleska reconhece que depressão e ansiedade podem afetar desde os iniciantes até os de mais alto nível. Sobretudo Waleska dá ênfase de como o suporte psicológico em atletas precisa ser algo tratado com mais frequência, em uma de suas falas diz: “como psicólogos e terapeutas precisam estar ao lado dos atletas”, defendendo um acompanhamento contínuo e não apenas pontual. Outrossim, Walewska, ao usar sua visibilidade para falar sobre o tema, se posiciona como exemplo de que vulnerabilidade não é oposta à força, mas parte da jornada de qualquer atleta de alto nível. Seu discurso contribui para a construção de uma cultura esportiva mais humana, preventiva e acolhedora, onde a saúde mental de atletas seja prioridade e não exceção.

Nesse mesmo contexto de saúde mental, vale lembrar da ex-atleta Jodi Vance, nascida em 2004, no estado do Texas, EUA. Aos 20 anos, Jodi já havia conquistado reconhecimento nas competições de Women 's Physique, além de atuar como coach esportiva e influenciadora nas redes sociais. Percebe-se que a pressão estética constante como atletas de fisiculturismo são julgados pela aparência, o que pode gerar transtornos alimentares, ansiedade e baixa autoestima nos bastidores das competições. Principalmente, no fisiculturismo, a rotina de preparação, cobrança e o uso de substâncias perigosas podem levar a óbito atletas de alta performance. Como atleta, coach e influenciadora, Jodi sentia a obrigação de manter um padrão corporal ideal, tanto para o público quanto para suas alunas. O treinador de Jodi revelou que ela ingeriu substâncias perigosas sem acompanhamento médico, o que pode ser um reflexo de decisões impulsivas e emocionais causadas por estresse extremo e ansiedade de performance.

A causa da morte de Jodi foi devido à desidratação extrema, com níveis perigosamente altos de potássio no sangue.

Para esta pesquisa, entendemos que as histórias de Beatriz Souza, Walewska Oliveira e Jodi Vance revelam como a desigualdade de gênero no esporte está profundamente entrelaçada com os impactos na saúde mental das atletas. Bia, mesmo após conquistar o ouro olímpico, precisou romper barreiras emocionais e sociais, mostrando que o cuidado psicológico e a representatividade negra são atos políticos em um ambiente ainda desigual. Walewska, por sua vez, mesmo com uma carreira vitoriosa, enfrentou silenciosamente os efeitos da solidão e da pressão pós-aposentadoria, evidenciando como a falta de suporte contínuo agrava a vulnerabilidade emocional de mulheres no esporte. Já Jodi Vance, jovem atleta do fisiculturismo, se entregou às exigências estéticas e à pressão por um corpo ideal, reforçando como padrões impostos ao corpo feminino no esporte podem levar a decisões extremas e fatais. As três trajetórias, embora distintas em modalidades e contextos, apontam para um mesmo problema estrutural: o contexto esportivo atual não oferece o suporte psicológico necessário às mulheres, que seguem enfrentando cobranças dobradas, invisibilidade e a constante obrigação de provar seu valor, o que impacta diretamente sua saúde mental e, em casos extremos, suas vidas.

Nessa perspectiva, esta pesquisa se justifica como urgente e necessária por estar alinhada ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, colocando ênfase em uma das metas, eliminando todas as formas de discriminação de gênero, o preconceito e a desigualdade de oportunidades, especialmente no esporte, que impactam negativamente o bem-estar emocional e psicológico dessas mulheres.

Ainda mais, atletas femininas muitas vezes lidam com pressões extras por causa de padrões estéticos, cobranças por desempenho, falta de reconhecimento, desigualdade salarial e até assédio. É notório que, essas situações geram estresse, ansiedade, depressão e outros transtornos mentais, que podem prejudicar não só a carreira esportiva, mas também a qualidade de vida. Assim, promover a igualdade de gênero no esporte significa garantir condições justas de trabalho, apoio psicológico adequado, respeito e valorização da saúde mental das atletas. Investir em políticas de proteção, combate à discriminação e acesso a serviços de saúde mental faz parte da construção de um ambiente esportivo mais saudável, justo e igualitário. Portanto,

a ODS 5 é fundamental para que mulheres atletas tenham o direito de competir, crescer e se desenvolver com dignidade, saúde emocional e igualdade de oportunidades, contribuindo para o bem-estar individual e para o avanço do esporte como um todo.

No contexto das histórias de Beatriz Souza, Walewska Moreira e Jodi Vance, essa análise torna-se pertinente. Beatriz enfrenta a necessidade de afirmar sua identidade enquanto mulher negra e atleta de alta performance, Walewska, por sua vez, revela como as instituições esportivas frequentemente negligenciam as demandas emocionais das atletas, reforçando desigualdades de gênero que impactam diretamente sua saúde mental. Já Jodi representa o extremo das consequências dessa construção social do corpo feminino, onde a pressão estética e a busca por um corpo “ideal” resultam em práticas arriscadas e sofrimento físico e psicológico. Com isso, o cuidado com a saúde mental torna-se um ponto fundamental para a luta contra essas imposições, mostrando que o reconhecimento dessas contradições é um passo essencial para a construção de um esporte mais justo e saudável para as mulheres. Levando em consideração a contribuição de Silvia P. Assis (2006) para a compreensão das tensões históricas e culturais que cercam o corpo da mulher atleta, abordando como as construções sociais moldam as expectativas sobre feminilidade e desempenho esportivo. Sua pesquisa demonstra que o corpo feminino no esporte é atravessado por uma dualidade complexa: a exigência da força física, compatível com o rendimento esportivo, e a necessidade de se enquadrar em padrões de feminilidade impostos socialmente, o que pode gerar conflitos identitários e afetar a saúde mental das atletas. Além de analisar a sexualização e objetificação das atletas, Assis (2006) destaca a importância de repensar as práticas institucionais no esporte para combater as desigualdades de gênero e promover ambientes mais inclusivos e acolhedores.

Objetivos

Geral: Analisar como questões de corpo e gênero trazem implicações para a saúde mental de atletas- mulheres nos ambientes de e competição

Específicos:

- Narrar, descrever e analisar as experiências pessoais da estudante-bolsista que representam alguns desafios enfrentados por mulheres, relacionando-as tanto com as representações sociais quanto às vivências individuais e coletivas.

- Refletir, a partir da minha própria trajetória como estudante-bolsista no esporte, sobre os desafios e resistências vividos, utilizando a composição de sentidos na análise narrativa.
- Realizar um levantamento teórico sobre gênero e esporte, construindo um estado da arte;
- Fazer um levantamento teórico sobre questões de interseccionalidade de gênero e etnia relacionadas à saúde mental e física de atletas-mulheres;
- Analisar como a mídia esportiva representa (ou invisibiliza) a atuação das mulheres em diferentes funções no esporte;
- Identificar políticas públicas e iniciativas que busquem promover a equidade de gênero no contexto esportivo;
- Investigar narrativas públicas de mulheres no esporte (como entrevistas, reportagens, documentários e redes sociais), refletindo sobre as experiências relatadas;
- Fazer uma curadoria de ações inclusivas que resguardem os direitos de atletas-mulheres.
- Planejar e desenvolver ações efetivas de inclusão, acessibilidade e redução de barreiras atitudinais e comunicacionais, nos percursos acadêmicos e profissionais de estudantes e servidores no âmbito do IFTM.

Metodologia

Considerando a experiência como objeto de pesquisa, este estudo se caracteriza pelo caráter qualitativo tendo como as etapas de levantamento teórico, bem como a interpretação de dados estatísticos sobre a temática. Nessa abordagem qualitativa, encontramos na fundamentação teórico-metodológica da Pesquisa Narrativa (Clandinin, Connelly, 2011) o rigor necessário para o desenvolvimento deste trabalho.

A pesquisa narrativa se caracteriza por ser um processo de investigação que considera o espaço tridimensional: pessoal e social (interação); passado, presente e futuro (continuidade); combinados à noção de lugar (situação). Clandinin e Connelly (2010, p. 85) esclarecem que os estudos narrativos “têm dimensões e abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares”. No processo de produção dos textos de campo devem ser usados como

instrumentos de pesquisa: os relatos de experiência, narrativas produzidas pela participante da pesquisa, notas de campo e obras literárias que tratam da temática. Para analisar narrativamente os textos de campo devemos usar como fundamentação na composição de sentidos os princípios sugeridos por Ely, Vinz, Downing, Anzul (2001). Acerca dos instrumentos de pesquisa utilizados, destacamos: a entrevista com participantes de pesquisa, notas de campo, narrativas escritas, fotos do acervo pessoal das estudantes- pesquisadoras.

Houve a elaboração de uma proposta de intervenção desenvolvida ao longo do terceiro trimestre que envolveu estudantes do Campus Uberlândia Centro, provocando a reflexão sobre este tema em rodas de conversa específicas coordenadas pelas bolsistas-pesquisadoras deste projeto. Por meio destas interações, houve diálogos mais aprofundados sobre a importância de identificar e reduzir a desigualdade de gênero no mundo do esporte. Esta ação do projeto, bem como, as ações de levantamento teórico e produção de textos de pesquisa foram registradas no diário de bordo produzido detalhadamente para socializar com a comunidade as etapas desse processo de estudo.

Resultados e Discussão

Espera-se que este projeto contribua, a partir deste estudo de análise narrativa, somando a outros estudos que apontam para a problematização das vivências de meninas e mulheres representantes e representadas no mundo do esporte e nas escolas. Durante esse processo de análise da construção da identidade das estudantes-pesquisadoras, ocorreu uma desconstrução do olhar heteronormativo patriarcal sobre os corpos femininos rompendo com os estereótipos que padronizam o corpo, a beleza, o comportamento e as atitudes das mulheres conforme registrado nos textos de pesquisa.

Conclusões

É possível perceber as implicações diretas dessa experiência para as estudantes-pesquisadoras que ao narrar e descrever suas histórias de experiências no mundo Geek conseguiram identificar várias situações de misoginia, bem como desconstruir paradigmas que elas próprias reproduziam ao desconhecer representatividades de atletas profissionais no

esporte. A partir dos resultados foi possível identificar e aprofundar a questão da interseccionalidade de gênero e raça fundamentando-se em Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez.

A luta feminina por espaço no esporte vai além das arquibancadas; é uma batalha por reconhecimento, igualdade e respeito. Este estudo visa identificar e compreender as barreiras estruturais que ainda dificultam a participação equitativa das mulheres no ambiente esportivo, abrangendo desde a prática até os bastidores, como a gestão, a arbitragem, o jornalismo esportivo e as comissões técnicas.

Ao reunir relatos, estudos e análises críticas sobre o tema, a pesquisa busca dar visibilidade às trajetórias femininas, evidenciando não apenas as desigualdades enfrentadas, mas também as estratégias de resistência construídas por mulheres em diferentes contextos esportivos. Espera-se, com isso, fomentar reflexões relevantes sobre a importância de políticas públicas, práticas pedagógicas inclusivas e ações afirmativas que promovam a equidade de gênero.

Além disso, pretende-se que os resultados contribuam para ampliar o debate em espaços educacionais, midiáticos e institucionais, estimulando o desenvolvimento de projetos e iniciativas que desafiem o machismo estrutural presente no esporte. A análise crítica da mídia, das vivências e dos dados empíricos poderá servir como subsídio para a elaboração de propostas voltadas à democratização do acesso, ao reconhecimento profissional e à ocupação de espaços de poder por mulheres.

Nessa perspectiva, espera-se que esta pesquisa sirva como instrumento de conscientização e transformação social, fortalecendo o protagonismo feminino no esporte e incentivando outras. Acreditamos que pela ação de intervenção com a comunidade interna do campus Uberlândia Centro, espera-se que as discussões continuem reverberando nas mentes e nos corredores da escola para que mais mulheres, apoiadas por todos, superem as desigualdades de gênero.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAPITANIO, Ana Maria; RUBIO, Katia. **O lugar das mulheres no esporte: um campo de desigualdades**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 41, n. 2, p. 120-135, 2019.

ESPANHA. **Beatriz Souza, do judô, detalha expectativa para as Olimpíadas: ‘Será o momento mais importante da minha vida’** [vídeo]. ESPN Brasil, 1 ano atrás (publicado aproximadamente em junho de 2024). Disponível em:

https://www.espn.com.br/video/clipe/_/id/13490312. Acesso em: 30 jun. 2025

SAÚDE mental dos atletas | Walewska Oliveira. [S.l.]: YouTube, 26 set. 2023. 1 vídeo (11min51s). Publicado por Você Não Está Sozinho. Disponível em:

<https://youtu.be/hUy74M-SqbA>. Acesso em: 30 jun. 2025

GRAÇA, Rodrigo. **Performatividade e política em Judith Butler: corpo, linguagem e reivindicação de direitos**. Revista Perspectiva Filosófica, v. 47, n. 1, p. 21–37, 2020.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/perspectivafilosofica/article/download/230291/24499/70321>. Acesso em: 30 jun. 2025

GONÇALVES, Francisca Tatiana Dourado et al. Imagem corporal feminina e os efeitos sobre a saúde mental: uma revisão bibliográfica sobre a intersecção entre gênero, raça e classe.

Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. Sup., n. 39, e2194, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.25248/reas.e2194.2020>. Acesso em: 30 jun. 2025